

## EDUCAÇÃO INCLUSIVA: INTERVENÇÃO FORMATIVA PARA FUTUROS EDUCADORES

ALVES, Michelle Alexandra Gomes

FÁVERO, Cristina Hill

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS – UEMG – [michelle.alves@uemg.br](mailto:michelle.alves@uemg.br) /

[crisrina.favero@uemg.br](mailto:crisrina.favero@uemg.br)

### RESUMO

Apesar de ter iniciado na década de 90, a ruptura com o paradigma de serviços ainda é um desafio para a Educação Inclusiva. Nessa perspectiva, esse trabalho busca relatar uma experiência referente à execução de um projeto de extensão sobre a Intervenção Formativa dos discentes do 3º período do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, em Barbacena, cujo objetivo principal foi sensibilizá-los para a necessidade de oferecer um espaço acolhedor que proporcione a inclusão das pessoas com deficiências, pois apostamos que a inclusão acontece “de dentro para fora”. A metodologia dividiu-se em três momentos distintos, porém complementares, utilizando propostas intervencionistas, baseada na teoria dos papéis. Como resultado deste trabalho, os discentes construíram materiais lúdicos para atender algumas necessidades educacionais especiais. Acredita-se que intervenções formativas produzem um impacto de conscientização no processo educativo dos futuros educadores, justamente porque também trabalha a perspectiva subjetiva.

**PALAVRAS CHAVES:** educação inclusiva, intervenção formativa, tecnologia assistiva.

### 1 INTRODUÇÃO

Na década de 90, inicia-se um movimento de ruptura do paradigma de serviços, proposto pela Integração e passa-se a defender a necessidade de suportes para possibilitar a inclusão. Assim, passamos para o período de implementação da educação especial na perspectiva da inclusão e mudanças significativas são necessárias, no contexto educacional, para que inclusão se efetive com qualidade.

O diferencial trazido por esse paradigma da inclusão é justamente a importância desta mudança e adaptação da sociedade para possibilitar o processo de desenvolvimento dos indivíduos com deficiências, que necessitam de determinados suportes para quebrar barreiras de acesso ao processo ensino aprendizagem.

No decorrer destas mudanças de ideário, passando do processo integrador para o processo inclusivo, percebeu-se a necessidade da construção de acessibilidades e da importância da formação dos educadores. As acessibilidades a serem construídas seriam as metodológicas, atitudinais, comunicacionais, arquitetônicas, instrumentais e programáticas. Sendo as três primeiras intrinsecamente ligadas a atuação do educador.

Diante desta perspectiva, pensou-se em um trabalho que possibilitasse aos estudantes de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, em Barbacena, aquisição e ampliação de conceitos, através da vivência de experiências sensibilizadoras e participação ativa do seu processo formativo.

Surge então, o projeto de intervenção formativa com os docentes e discentes dos 3º períodos, tendo como objetivo sensibilizar/conscientizar futuros educadores para a importância de seu fazer pedagógico nesta perspectiva inclusiva e de construir e elaborar materiais que possam ser utilizados como diferencial no processo educativo de todos os alunos.

Portanto, a proposta de um projeto de intervenção formativa para docentes do curso de pedagogia faz-se imprescindível, visto que, é vivenciando as nuances que envolvem a construção da identidade, das diferenças e das diversidades existentes que se construirão enquanto educadores que respeitam a singularidade de seus alunos, independente de laudos ou diagnósticos apresentados.

Essa proposta visa não apenas a formação profissional dos educandos, mas, também, a formação humana e social destes sujeitos que acolherão as diversidades dentro e fora do contexto educacional.

## **2 INCLUSÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

Explicar sobre inclusão não é tarefa das mais fáceis, pois o tema da educação inclusiva tem criado no meio educacional muitas dúvidas, angústias e até mesmo entusiasmos. Pode-se considerar que reflexões sobre implementação da educação inclusiva no Brasil é recente, se comparado a outros países. O encontro de Salamanca (Espanha/1994), instituiu pela primeira vez diversos tópicos referentes a Educação Inclusiva. Com isso, o acesso a rede regular de ensino por alunos com deficiências vai sendo lentamente conquistado.

O acesso e a permanência à escola são direitos fundamentais trazidos na nossa Constituição Federal e outras diversas legislações nacionais e internacionais. A proposta da educação inclusiva vem apenas legitimar um direito resguardado por documentações diversas.

A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à idéia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola (BRASIL, 2008, p.5).

Partindo desse ponto de vista, comunga-se do conceito de inclusão trazido por Camargo (2017, p.1) que extrapola os muros escolares e enfatiza a importância de se construir espaços inclusivos [...] no trabalho, na arquitetura, no lazer, na educação, na cultura [...] e sensibilizar as pessoas em suas práticas sociais, frente às atitudes [...] e no perceber das coisas, de si e do outrem.

Considerando que a inclusão ocorre de “dentro para fora”, torna-se primordial trabalhar com os futuros educadores os aspectos subjetivos, políticos, sociais e educacionais que perpassam o paradigma da inclusão social e educacional.

Na área educacional, o trabalho com identidade, diferença e diversidade é central para a construção de metodologias, materiais e processo de comunicação que dêem conta de atender o que é comum e o que é específico entre os estudantes (CAMARGO, 2017, p.1).

A necessidade de se trabalhar com a formação de futuros profissionais que irão atuar na educação inclusiva é fundamental para que se quebre paradigmas excludentes. Para Glat (1998) as modificações dos ambientes educacionais, metodologias de ensino, posturas profissionais são condições inexoráveis para a construção de um ambiente acessível e inclusivo.

Falar em inclusão remete para além da preocupação com grupos específicos, leva a quebra de barreiras que se interpõem entre os indivíduos, a aprendizagem e possibilidade de participação efetiva como cidadãos. Segundo Bueno (2007) a quebra de barreiras no contexto educacional depende de uma vasta gama de estratégias, atividades e processos que buscam a construção de acessibilidades.

Diversas são as acessibilidades a serem construídas para que se construa uma educação inclusiva efetiva e de qualidade, são elas: acessibilidade arquitetônica, acessibilidade comunicacional, acessibilidade atitudinal, acessibilidade metodológica, acessibilidade instrumental e acessibilidade programática (SASSAKI, 2009). Para a implementação destas acessibilidades o fator humano é fundamental.

Frente a esta expectativa, torna-se incumbência do professor conjecturar sobre sua formação e prática docente, pois ao reconhecer a heterogeneidades presentes no contexto educacional reconhece concomitantemente, as diversas maneiras de aprender.

[...] urge na formação dos professores um redimensionamento, uma reformulação na concepção do que seja educação que não se restringe aos conteúdos dos livros didáticos, enciclopédias; educação é um conceito amplo, complexo que vem

sofrendo modificações, ressignificações no cotidiano escolar e da sociedade.  
(COSTA, 2010, p.13)

Assim, reconhecendo o aprendizado como construção individual, o professor no seu fazer profissional deve garantir aos educandos um aprendizado, através de metodologias e abordagens diversificadas.

### **3 OBJETIVOS**

- Sensibilizar os discentes da necessidade de oferecer um espaço acolhedor que proporcione a inclusão das pessoas com deficiências;
- Conscientizar os alunos sobre a importância da observação das limitações e potencialidades de cada educando;
- Construir materiais de tecnologias assistivas, através de oficinas de produção criativa.

### **4 METODOLOGIA**

A execução do Projeto de Intervenção Formativa dos discentes do 3º período do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, em Barbacena, necessitou de três momentos distintos, mas complementares, para atingir os objetivos propostos.

O primeiro momento refere-se ao processo de sensibilização dos alunos. Eles participaram de diversas dinâmicas nas quais apoderaram-se de “lugares simbólicos” excluídos e puderam constatar a importância do olhar e acolhimento para a singularidade de cada sujeito. O compartilhamento dos incômodos, das limitações, das possibilidades e dos sentimentos ao exercerem a empatia e colocarem-se no “lugar no outro”, tornou a experiência enriquecedora, pois acredita-se que a troca de saberes e vivências entre educandos e educadores é fundamental no processo de construção humana.

Após a sensibilização, passou-se para o momento da conscientização. Esse processo aconteceu de forma lúdica, dinâmica, onde foram trazidos os conceitos essenciais para abordagem da disciplina de Educação Inclusiva, ilustrados com casos reais encontrados na nossa comunidade e discutidos em sala de aula. As reflexões sobre a práxis, possibilitou aos discentes se posicionarem de forma ética, cidadã e humana diante das limitações e potencialidades encontradas.

O terceiro momento culminou no fechamento do processo. Após colocarem-se no lugar no outro, perceber suas necessidades e potencialidades, tornou-se fundamental construir algo que ajudasse aquele sujeito no seu processo de desenvolvimento. Nessa perspectiva, os alunos dividiram-se em grupos e construíram materiais e metodologias que servirão de suportes para os alunos com necessidades educacionais especiais. Os trabalhos foram realizados em sala de aula, com supervisão e orientação das professoras (autoras) que testaram as produções e fotografaram todo o processo.

Durante a realização das atividades ficou evidente, por meio dos relatos e observações, que o trabalho prático e desenvolvido em grupo, com a mediação das docentes, propiciou a todo o momento, trocas de experiências entre os discentes, ampliação de competência/habilidade diversas como: escutar o outro, respeitar seus pares, pensar em futuros alunos como seres de direitos, defender seu ponto de vista de forma clara e educada. Todas essas capacidades desenvolvidas, podem ser consideradas eficazes na construção do conhecimento e no desenvolvimento discente.

## **5 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os materiais produzidos pelos discentes, na perspectiva inclusiva, pode vir a ser utilizado por todos partícipes do trabalho. Dessa forma, foram testados entre os próprios discentes, de forma a garantir a sua efetividade e qualidade como suporte na construção da aprendizagem de indivíduos com deficiência.

Para a realização do terceiro momento, por se tratar de duas turmas do Curso de Pedagogia, foram separados os grupos nas respectivas salas das turmas e as professoras/autoras registram os momentos de confecção dos materiais e a finalização dos mesmos.

### **5.1 ATIVIDADES ELABORADAS PELA TURMA 3.01**

Os grupos foram distribuídos de acordo com tema de estudo de seminário realizado anteriormente. Os tópicos dos seminários ficaram assim distribuídos: Deficiência Intelectual, Altas Habilidades e Superdotação, Deficiência Visual: Baixa Visão e Cegueira, Transtornos Globais do Desenvolvimento, Surdez, Surdocegueira e Deficiência Múltipla.



O grupo da Deficiência Intelectual, composto pelos (as) discentes Ana Paula Lima, Daniel Rossi, Jaqueline Marques, Maria Aparecida de Paula, Rosanea Turqueti, buscaram explorar toda a capacidade que a pessoa com deficiência intelectual tem, procurando não limitar sua criatividade e capacidade de produções escolares. Para isto elaboraram placas interativas dos numerais com diversas atividades, estas podem trabalhar quantidade, sequência, escrita, trilha e outros.



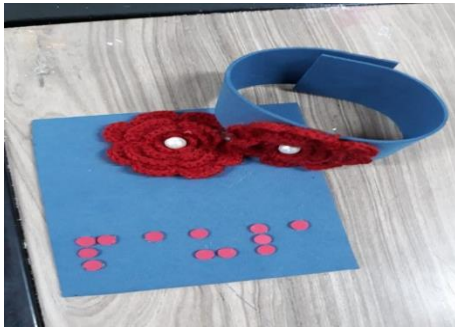
As discentes Carla Silva, Karla Loschi, Marcilene Silva, Maria de Lara, Sarah Costa, Sarah Couto trabalharam com o tema Altas Habilidades e Superdotação, propuseram trabalho com as características peculiares do objeto de estudo, procurando motivar a criatividade e talento individual. Assim, realizaram jogos para o desenvolvimento do raciocínio lógico matemático, que podem ser utilizados em diversas etapas do aprendizado.



O trabalho com Deficiência Visual: Baixa Visão e Cegueira, realizado pelas discentes Ana Cristina, Ariane, Gabrielle, Jaqueline Carvalho, Millena, Natália e Raiane, apontava para a compreensão do desenvolvimento e aprendizagem de crianças com deficiência visual, como percebia o mundo e a importância do uso de recursos para a sua efetiva participação e integração na vida escolar. O grupo direcionou a confecção dos jogos para o desenvolvimento tátil e o aprendizado do Braille.

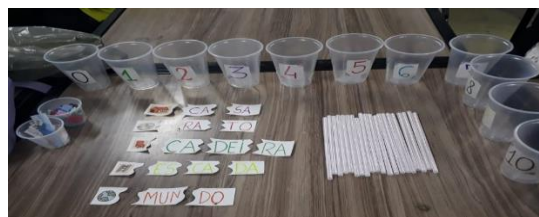
O grupo formado por Anderson José, Kleverton Diogo, Leonardo Henrique, Paula Cristina e Simone desenvolveram estudos e trabalhos sobre Surdocegueira e Deficiência Múltipla. Levando em conta que o tema é desafiador para a educação inclusiva, pois os indivíduos com deficiência múltipla podem apresentar comprometimentos que causam atrasos no desenvolvimento e na aprendizagem, necessitando de recursos diversos. Os materiais construídos objetivaram derrubar barreiras que impedem a construção do conhecimento dos indivíduos com múltiplas deficiências.

A proximidade dos temas fez com que os grupos de Surdocegueira e Deficiência Múltipla e Deficiência Visual: Baixa Visão e Cegueira optassem por desenvolverem materiais juntos. O resultado desta união foram jogos interativos que desenvolviam habilidades de percepção tátil, bem como discriminação visual (baixa visão), através de materiais de cores fortes e contrastantes.





Transtornos Globais do Desenvolvimento, tema desenvolvido pelas discentes Aline Costa, Amanda, Deiziele, Mara e Rafaela, focou em construir atividades que auxiliasse no desenvolvimento da Linguagem Expressiva e Compreensiva e da Socialização e Autonomia. Para isto, o grupo elaborou jogo interativo no qual pode-se trabalhar com a nomeação de objetos, construção de palavras, compreensão pequenas orientações, reconhecimento de objetos, podendo as atividades serem desenvolvidas individual ou coletivamente.



Com relação ao tópico Surdez, o grupo composto pelas discentes Aline Rodrigues, Carla Alves, Cristiane Ribeiro, Izabel Campos, seguiu os estudos contemporâneos e a proposta de educação bilíngue, na qual, no caso dos indivíduos surdos, o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) aconteceria como primeira língua, para proporcionar aos alunos as competências necessárias para o uso da língua em situações acadêmicas e sociais. O material confeccionado privilegia o aprendizado da Libras como língua materna e construtora de comunicação e conhecimentos.



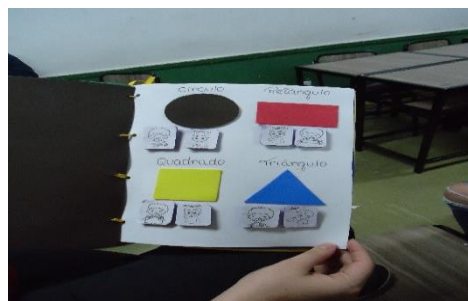


## 5.2 ATIVIDADES ELABORADAS PELA TURMA 3.02

Para crianças que apresentam dificuldades visuais, o grupo 8 (Adrielle, Bruna, Epolyane e Lucas) construiu um jogo da memória sensorial que pode ser jogado por qualquer pessoa e também um jogo da velha. Além de divertido, trabalha a percepção espacial, sensorial, a sensibilização tátil e a insegurança, pois tem-se que jogar vendado!



Sobre a deficiência auditiva, o grupo 6 (Lara, Maria Luiza, Larissa, Tatiana e Núbia) construiu um livro sensorial na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para ser trabalhado na educação infantil. Ele contém sinais básicos, como sentimentos, números, letras, figuras geométricas, cores e quantidade que possibilitarão o aprendizado de forma interativa, pois o aluno deve colocar os sinais nos devidos lugares.



O grupo 2 (Paula, Gabriele e Tatiene) trabalharam a sensibilização musical e corporal da criança com deficiência mental, através da Caixa Musical, onde a criança retira um animal e deve cantar uma música. Também produziram um jogo da memória e um jogo da velha com materiais reciclados e figuras.



Sobre a deficiência física, o grupo 4 (Ana Joyce, Eunice, Hadassa, Eduarda e Vanessa) construiu uma metodologia para trabalhar a percepção e os sentidos, através das cores e sabores. Contação de história, manipulação dos alimentos, montagem da salada de frutas e saboreá-la. Além de pensarem em instrumentos de suporte, caso a criança tenha maior dificuldade motora com os membros superiores.



Os grupos 3 (Sara e Sandra) e 5 (Luciana, Francisca e Ana Lúcia) escolheram trabalhar com as deficiências múltiplas, porém abordaram limitações diferentes e produziram materiais, igualmente diversos. O grupo 3 construiu um Painel Sensorial para trabalhar com crianças “surdo-cegas” formas, texturas, números, letras.



Já o grupo 5, abordou as limitações intelectuais associadas à surdez e construíram um Caminho que possibilitará à criança trabalhar sua coordenação motora, equilíbrio, expressão e controle corporal e as perspectivas de “dentro x fora”, “junto x separado”, de forma lúdica e divertida.





Finalmente, os grupos 1 (Carla, Daiane, Anna Clara, Michele e Pâmela) e 7 (Max, Rosiana, Guilherme, Carlos e Alexia) elegeram o Autismo como precipitador do processo de inclusão, mas construíram materiais diversos, porém, complementares.

O grupo 1 construiu um Livro Sensorial muito completo, que trabalha as letras, números, quantidade, figura humana, tato, cores, noções de atividade de vida diária e formas. Muito lúdico e interativo, pode ser utilizado por qualquer criança na educação infantil. Também produziu uma Caixa Sensorial pensando em diferentes perspectivas para acessar a criança com autismo.



O grupo 7 extrapolou a atuação em sala de aula e incluiu a família nos suportes produzidos. Criaram Cartões para auxiliarem a criança autista na sua rotina em casa e na escola. Além disso, confeccionaram brinquedos (quebra cabeça, jogo da memória, jogo da velha e caixa das vogais) que trabalham os numerais, a ordenação, a criatividade, as letras e as percepções de forma lúdica e que possibilita a interação da criança.



Diante da apresentação dos materiais produzidos pelos alunos dos 3º períodos do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, em Barbacena, percebe-se que a metodologia de intervenção formativa utilizada para trabalhar os conteúdos da disciplina de Educação Inclusiva foi satisfatória, pois sensibilizou, conscientizou e oportunizou a construção de suportes que considerassem as limitações das pessoas com deficiências, sem excluí-los das atividades que podem ser compartilhadas por todos os alunos.



## 6 CONCLUSÕES

A proposta de intervenção formativa para futuros educadores foi uma experiência edificante não apenas para o corpo docente, mas também para os docentes envolvidos no processo, que puderam troca saberes, vivências e sentimentos que foram únicos.

Tornar a prática educativa significativa é uma prerrogativa difícil de ser concretizada e essa proposta ousou ofertar aos seus discentes um momento reflexivo através das inversões de papéis, do simbólico, da subjetividade, pois acredita-se que a inclusão acontece de “dentro pra fora” e para tanto, precisamos sensibilizar os corações que acolherão as pessoas com diversas necessidades.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. MEC: Brasília, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf> Acesso em: 07 jul. 2018.

BUENO, C. L. R.; PAULA, A. R. **Acessibilidade no mundo do trabalho**. São Paulo: SORRIBRASIL, 2007.

CAMARGO; E. P. Editorial: **Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlances e desenlaces**. Ciênc. Educ., Bauru, v. 23, n. 1, p. 1-6, 2017.

COSTA, J. C. L. **Representações sobre a formação de professor na escola: reflexões a partir da Lei 10.639/2003**. 2010. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2010. Disponível em: . <<http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/2568/1/PDF%20-%20Joedson%20Carlos%20Lucas%20da%20Costa.pdf>> Acesso em: 22 ago. 2018.

FÁVERO, Cristina Hill; COSTA, Helder Gomes. **Inclusão: a Acessibilidade como Garantia de Educação de Qualidade**. Seget. 2014.

GLAT, R. **Inclusão total: mais uma utopia?** Revista Integração. Brasília, ano 8, n.20, p.26-28, 1998.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação**. Revista Nacional de Reabilitação, São Paulo, p. 10-16, Ano XII, mar./abr. 2009.